



Classica - Revista Brasileira de Estudos
Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos
Clássicos
Brasil

Agnolon, Alexandre

FILÊNIS, DE BELLE DE JOUR À ALCOVITEIRA: MATÉRIA ERÓTICA NA ANTOLOGIA
GREGA

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 26, núm. 1, 2013, pp. 51-66

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770907004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

FILÊNIS, DE *BELLE DE JOUR* À
ALCOVITEIRA: MATÉRIA ERÓTICA NA
ANTOLOGIA GREGA

Alexandre Agnolon*

* Professor de Estudos
Clássicos da Universidade
Federal de Ouro Preto
(UFOP), doutorando do
PPG Letras Clássicas da
Universidade de São Paulo
(USP), Brasil.

RESUMO: Na *Antologia Grega* ou *Palatina*, há um pequeno ciclo de epigramas dedicados à Filênis, que teria sido, no século IV a.C., tratadista de manual erótico. A alusão ou menção a seu nome circunscreve geralmente a ambiência erótico-amorosa do epigrama. No presente artigo, meu objetivo será: a) traduzir em verso alguns epigramas gregos em que Filênis é sujeito da fala epigramática ou é tão-somente referida – levando em consideração a atmosfera erótica dos epigramas, já indiciada pelo próprio nome da personagem –; e b) discutir, mediante análise dos epigramas traduzidos, a sagacidade de Filênis nos jogos do amor, consubstanciada quer pela alcovitaria, comumente associada a seu nome, quer pela escrita tradística que se lhe atribui, constituinte de uma *er todíaxis*.

PALAVRAS-CHAVE: Filênis; Epigrama Helenístico; Matéria Erótica; *Antologia Grega*; *er todíaxis*

PHILAENIS, *BELLE DE JOUR* TO PROCURESS:
EROTIC CONTENT IN *THE GREEK ANTHOLOGY*

ABSTRACT: In *The Greek Anthology* or *Palatine*, we find a small cycle of epigrams dedicated to Philaenis. This woman is supposed to had been, in the fourth century BC, the author of an erotic manual. The allusion to her name circumscribes the ambience of the epigram, clearly amatory. In this article, my aim will be: a) to translate into Portuguese verse some Greek epigrams in which Philaenis plays the role of subject of the epigrammatic speech or is merely mentioned – considering the erotic atmosphere of the epigrams, as indicated by the mere Philaenis' presence – , and b) to discuss, through analysis of translated epigrams, her wit in the love games, reflected

either by her pandering, commonly associated with her name, or by the treaty which is assigned to her, a constituent of an *erôtodídaxis*.

KEYWORDS: Philaenis; Hellenistic Epigram; Erotic Content; *The Greek Anthology*; *erôtodídaxis*

1. V, 4, 130, 186, 202; VI, 206, 207; VII, 198, 345, 450, 477, 486. Na forma diminutiva (*Φιλαίνιον*): V, 121, 162; VI, 284; VII, 487; IX, 254; XI, 18.

Este artigo trata de Filênis (*Φιλαίνις*), personagem notória de epigramas gregos e latinos. Seja como sujeito da fala epigramática, seja meramente referida, ela aparece em poemas da *Antologia Grega* ou *Palatina*, compreendendo os livros V, VI, VII, IX e XI, cuja matéria, respectivamente, pode ser amatória (*ἐρωτικά*), dedicatória (*ἀναθηματικά*), tumular (*ἐπιτύμβια*), demonstrativa (*ἐπιδεικτικά*) e sim-pótica e jocosa (*συμποτικά καὶ σκωπτικά*). A despeito dos poucos poemas – dezessete ao todo¹ – se comparados à totalidade dos milhares de epigramas que compõem a *Antologia*, o ‘grande edifício’, é, por outro lado, bastante notável a variedade de poetas, de várias épocas, aliás, a que se atribuem epigramas dedicados a ela: Leônidas de Tarento, Antípatro de Sídôn, Anite de Tégea, Dioscórides, Timnes, Filodemo, Mécio, Posidipo, Asclepiades, Árquias, Perses da Macedônia, Nicarco, Felipe da Tessalônica. Assim, mais do que simplesmente um nome, Filênis parece constituir, no âmbito da epigramática, um *tópos*, quase que a imagem mesma da tópica erótica. Meu objetivo, em particular, será apresentar as maneiras, os modos, digamos, pelos quais poetas helenísticos compuseram a imagem de Filênis, levando em consideração dois aspectos precípuos: a) a associação da personagem à matéria erótico-amorosa; e b) a possibilidade de vislumbrar espécie de *erôtodídaxis* (*ἐρωτοδίδξις*) epigramática, remetendo-nos, por seu turno, a certo teor poeticamente prescritivo dos poemas, referência direta à poética helenística.

Filênis é, no geral, representada como rapariga bela, delicada, como que já plasmada para servir à alcova, síntese das qualidades próprias de uma cortesã desejada; e, amiúde, pelas palavras, possui os encantos necessários para seduzir, como nos parece demonstrar o epigrama seguinte, atribuído a Filodemo (*AP*, V, 121):

Μικκὴ καὶ μελανεῦσα Φιλαίνιον, ἀλλὰ σελίνων
οὐλοτέρη καὶ μυοῦ χρωῶτα τερεινότερη
καὶ κεστοῦ φωνεῦσα μαγώτερα καὶ παρέχουσα
πάντα καὶ αἰτῆσαι πολλάκι φειδομένη.
τοιαύτην στέργοιμι Φιλαίνιον, ἄχρις ἂν εὖρω
ἄλλην, ὃ χρυσέη Κύπρι, τελειοτέρην.

Pequenina, morena é Filênis – tão crespa!
Mais que um aipo! – e suave tem a pele.
A voz encanta mais que o cinturão divino.
Tudo faz e pedir evita sempre.
Que eu ame uma Filênis, até que eu encontre,
ó loura Cípris, outra mais gostosa!²

O poema é espécie de brevíssima descrição dos dotes de Filênis, seguido, nos dois últimos versos, de invocação à Afrodite, para que a deusa dê à fala narrativa do epigrama garota igual até que, em seu caminho, se depare com outra mais formosa. A descrição se inicia com a notação da baixa estatura da mulher; informa-nos que se trata de uma morena, de cabelos crespos, provavelmente cacheados, e de pele delicada. Além disso, é de notar, no segundo dístico, outras virtudes de que Filênis seria possuidora: a voz agradável, doce, mais eficiente nos jogos do amor que o próprio Cinturão de Afrodite, portador de todos os sortilégios da deusa, como Homero narra nos versos 214 e 215 do canto XIV da *Iliáda*, no momento em que Hera, para ludibriar Zeus, logra Afrodite, a fim de que esta lhe empreste seu cinturão (κεστός): ‘O cinto, então, reclamado, depois de falar ela tira,/ onde reunidos soia trazer toda sorte de encantos’, Ἡ, καὶ ἀπὸ στήθεσφιν ἐλύσατο κεστόν ἱμάντα/ ποικίλον, ἔνθα δέ οἱ θελκτήρια πάντα τέτυκτο.³ O próximo epigrama, de Posidipo (*AP*, V, 186), também faz remeter ao logro e ao engano, próprios da dimensão erótica:

Μή με δόκει πιθανῶς ἀπατᾶν δακρύοισι, Φιλαίνι.
οἶδα· φιλεῖς γὰρ ὅλως οὐδένα μεῖζον ἐμοῦ,
τοῦτον ὅσον παρ’ ἐμοὶ κέκλισαι χρόνον· εἰ δ’ ἔτερός σε
εἶχε, φιλεῖν ἂν ἔφης μεῖζον ἐκεῖνον ἐμοῦ.

Pensas, Filênis, que me engana teu queixume?
Sei que dizes amar-me, mais ninguém,

2. As traduções dos epigramas da *Antologia Grega* arrolados no decorrer deste trabalho são de minha lavra.

3. Tradução de Carlos Alberto Nunes (2009: 327).

porém, se estás nos braços de um outro qualquer,
sei que dizes amá-lo, mais ninguém.

O poema tem Filênis como interlocutora, no pleno exercício de suas potencialidades sedutoras, que no caso são discursivas. Supõe-se a cena, aqui, do rogo da mulher, banhada em lágrimas, com o objetivo de convencer o amante de que o amor dela é sincero. O sujeito da fala epigramática, experiente e conhecedor dos subterfúgios de Filênis, resiste às investidas dela e revela a estratégia da jovem – no apelo e na declaração da paixão, – o que é intensificado pelos dois pentâmetros, similares, mas diversos no que tange ao objeto da paixão: no primeiro, é o homem que personifica o eu-epigramático o objeto da estima da garota; no segundo, é “um outro qualquer” o amor de Filênis. A fala sedutora, o choro, as juras inerentes à vivência dos amores são teatralizados no breve epigrama; porém, os versos são indício da estratégia, calcada no decoro característico da ambiência erótica: tem-se, aqui, um vislumbre do ‘Cinturão de Filênis’, sede de seus sortilégios. Ao mesmo tempo, é possível perceber certo caráter fugaz da ligação amorosa, perceber ainda o fato de Filênis, provavelmente figurada como cortesã, ser mulher de muitos. Outro epigrama, de Árquias (*AP*, VI, 207) – será aquele defendido por Cícero? –, também tem Filênis como personagem, simplesmente referida, em meio a outras jovens:

Σάνδαλα ταῦτα Βίτιννα· πολυπλέκτου δὲ Φιλαινίδος
πορφύρεον χαίτας ῥύτορα κεκρύφαλον·
ξανθὰ δ’ Ἀντίκλεια νόθον κεύθουσιν ἄμμα
ρίπιδά, τὰν μαλερὸν θάλλπος ἀμυνομένην·
λεπτὸν δ’ Ἡράκλεια τόδε προκάλυμμα προσώπου,
τευχθὲν ἀραχναίης εἵκελον ἀρπεδόσιν·
ἀ δὲ καλὸν σπείραμα περισφυρίοιο δράκοντος
οὔνομ’ Ἀριστοτέλεω πατρός ἐνεγκαμένα·
ἄλικες ἀγλαὰ δῶρα, γαμοστόλε, σοὶ τάδε, Κύπρι,
ᾧπασαν αἰ γυνάων Ναυκράτιδος ναέται.

Bitina, estas sandálias; Filênis, o lenço
púrpura dos cabelos ondulados;
Anticléia, louríssima, o leque que a guarda
do espúrio vento, do calor tutela;
Heracléia, da face o delicado véu,
tecido como a teia das aranhas;

e da serpe o chocalho que leva à canela,
a herdeira de Aristóteles, seu pai:
coevas, Cípris, ó casamenteira, dons
as nativas de Náucratis te ofertam.

Trata-se de epigrama votivo (*ἀναθηματικά*), como revela a apóstrofe à Afrodite no último dístico, a menção aos dons a ela dedicados, bem como a graça almejada, deduzível com facilidade pelo epíteto, ‘casamenteira’, *γαμοστόλε*. Mas a ambiência, a atmosfera que do epigrama se depreende é puramente erótica: a primeira jovem, Bitina, dedica sandálias; Filênis, o lenço púrpura que lhe prende os cabelos cacheados; Anticléia, o leque que lhe protege do calor; Heracléia, o véu ténue; e a filha e herdeira de Aristóteles, a jóia em forma de serpente que lhe volta o tornozelo. Ora, todos os objetos arrolados pelo poeta podem remeter ao contexto erótico, à circunstância amorosa propriamente dita em cujo exercício reside o esforço de seduzir: pois que não se constituem somente peças da *toilette* feminina, mas principalmente configuram-se fetiche erótico, adornos de partes do corpo da mulher responsáveis por suscitar o desejo: as sandálias protegem, sobretudo dissimulam, os pés delicados de Bitina; os cabelos anelados de Filênis têm o lenço púrpura como adorno; o rosto de Heracléia é coberto pelo véu: que, ténue, tão-só se vislumbra sua face. E a serpente de Aristotélia, presa à canela, faz convergir o olhar a seus pés, ao tornozelo, às pernas – lembre-se que a serpente pode associar-se à fertilidade. Cabe observar ainda que os adornos votados à Afrodite põem em destaque, em *evidentia*, se se quiser assim, partes do corpo que provavelmente as garotas julgam que sejam as mais belas: assim, o engenho do poeta aqui é, *brevissimamente*, pintar a jovem ideal, compô-la discursivamente das melhores partes – dos pés de Bitina, dos cabelos sinuosos de Filênis ou da loura Anticléia e das canelas, das pernas, enfim, da filha de Aristóteles (referência ao estagirita?) –, emulando, pois, a *Helena* de Zêuxis, compósito pictórico das mais formosas partes das mais formosas virgens de Crotona⁴.

Além disso, o caráter erótico-amoroso do epigrama pode ser percebido tanto pela menção à Bitina, já no primeiro verso, que teria sido personagem de *Mimos* de Herodas (V, v. 35), como pela presença da própria Filênis. A relação de Bitina com espécie de podolatria pode ser sugerida pelo epigrama anterior a este, o VI, 206, de Antípatro: nele, Bitina, nova-

4. Sobre a *Helena* de Zêuxis, cf. Cícero, *Inv.* 2. 1–3.

mente, dedica à Afrodite suas sandálias. Outro poema, de Filodemo (*AP*, V, 4), ajuda-nos a reforçar o lugar, na epigramática, ocupado por Filênis:

Τὸν σιγῶντα, Φιλαινί, συνίστορα τῶν ἀλαλήτων
λύχνον ἐλαιορῆς ἐκμεθύσασα δρόσον,
ἔξιθι· μαρτυρίην γὰρ Ἔρωι μόνος οὐκ ἐφίλησεν
ἔμπνουν· καὶ τυκτὴν κλείε, Φιλαινί, θύρην.
καὶ σὺ φίλει, Ξανθῶ, με· σὺ δ', ὦ φιλεράστρια κοίτη,
ἤδη τῆς Παφίης ἴσθι τὰ λειπόμενα.

A testemunha muda da alcova, a candeia,
Filênis, embebeda-a com puro óleo.
Sai agora! Pois Eros não ama tão vivos
olhares. Vai, Filênis: fecha a porta!
Quero os teus beijos, Xanto! E tu, meu doce leito,
de Pafos aprende os gozos que restam.

Neste epigrama de Filodemo, do século I a.C., são abundantes, a despeito da brevidade, os elementos eróticos – trata-se de poema pederástico (*μοῦσα παιδική*), se se tomar a voz epigramática como masculina –, notados claramente seja pela menção à candeia (*λύχνος*), que é *tópos* erótico, haja vista o lugar que ocupa de testemunha silenciosa do intercuro sexual; seja pela presença de Eros; ou, no último dístico, pela apóstrofe ao ‘doce leito’ (*φιλεράστρια κοίτη*), pela referência aos prazeres sexuais (*ἤδη*) e a Pafos, por antonomásia, à Afrodite. Além de todos esses ingredientes, por assim dizer, que compõem a cena erótica, Filênis faz-se presente no epigrama; sua representação, porém, difere das outras que vimos até aqui: pois não se trata agora de mera cortesã, mas muito provavelmente de agenciadora dos prazeres eróticos, de alcoviteira mesmo. Esse novo lugar ocupado pela personagem pode ser vislumbrado como seu destino certo já no *Mimo I* (verso 5) de Herodas (III a.C.), quando Filênis é referida como filha da alcoviteira Glís (*Γυλλίς, ἡ Φιλαινίδος μήτηρ*): de quem, supõe-se, teria aprendido todas as sagacidades inerentes à profissão. A transformação de Filênis – de bela jovem e cortesã que era à alcoviteira, muito entendida, agora, dos enlances amorosos, coaduna-se com os diversos testemunhos antigos que nos chegaram a seu respeito, como Luciano (*DMeretr.*, 6, 1), Ateneu (8, 13), Clemente de Alexandria (*Protr.*, 4, 61, 2-3), etc. que nos in-

formam que Filênis fora tratadista, autora de manual erótico, um *Περὶ Ἀφροδισίων* (*Dos prazeres amorosos*), no século IV a.C.⁵ Clemente alude às ‘posições’ descritas por Filênis (*ἐγγραφόμενοι τὰ Φιλαινίδος σχήματα*); nesse sentido, já que *σχήματα* faz alusão, além das posições, às próprias figuras, pode-se imaginar que o suposto tratado era também ilustrado⁶. A *Suda*, léxico bizantino do século IX d.C., também menciona Filênis como tratadista, mas desta vez nossa Filênis não está sozinha, o que pode demonstrar que, entre os antigos, já houvesse um cânone erótico a ser emulado, uma tradição corrente *erotodidática* que em Roma, por exemplo, refunde na *ars ovidiana* e também nos epigramas da *Antologia Grega*, ainda que de maneira mais tênue:

Astianassa, servidora de Helena, esposa de Menelau. Foi a primeira a descobrir posições para o intercuro sexual e escreveu um tratado *Sobre as Posições Sexuais*. Mais tarde emularam-na Filênide e Elefantine [sic], que exibiram por meio de danças tais coisas como vulgaridades.

Ἀστυάνασσα, > Ἑλένης τῆς Μενελάου θεράπεινα·
ἥτις πρώτη τὰς ἐν τῇ συνουσίᾳ κατακλίσεις εὔρε καὶ
ἔγραψε περὶ σχημάτων συνουσιαστικῶν· ἦν ὅστε-
ρον παρεζήλωσαν Φιλαινὶς καὶ Ἐλεφαντίνη, αἱ τὰ
τοιαῦτα ἐξορχησάμεναι ἀσελγήματα.⁷

Na *Antologia Grega*, há dois outros epigramas de imenso interesse para a faceta tratadística de Filênis. São dois poemas tumulares. O primeiro, Anônimo (*AP*, VII, 345), e o segundo de Dioscórides (*AP*, VII, 450), ativo no século III a.C. Vejamos o primeiro:

Anônimo (VII, 345)
Ἐγὼ Φιλαινὶς ἢ πίβωτος ἀνθρώποις
ἐνταῦθα γήρα τῷ μακρῷ κεκοίμημαι.
μή μ', ὦ μάταιε ναῦτα, τὴν ἄκραν κάμπτων
χλεύην τε ποιεῖ καὶ γέλωτα καὶ λᾶσθην.
οὐ γάρ, μὰ τὸν Ζῆν', οὐ μὰ τοὺς κάτω κούρους,
οὐκ ἦν ἐς ἄνδρας μάχλος οὐδὲ δημώδης·
Πολυκράτης δὲ τὴν γενὴν Ἀθηναῖος,
λόγων τι παιπάλημα καὶ κακὴ γλῶσσα,
ἔγραψεν, οἷ' ἔγραψ'· ἐγὼ γὰρ οὐκ οἶδα.

5. Há coincidência entre diversas fontes, algumas, aliás, citamos; porém, não tínhamos conhecimento de parte alguma do suposto tratado até a descoberta de um fragmento papiráceo (*POxy*. 39. 2891), datado do século II d.C.

6. Suetônio (*Tib*. 43) faz referência explícita a manuais eróticos cujas descrições das posições sexuais eram provavelmente seguidas de ilustrações.

7. *Suda*, s. u.
Ἀστυάνασσα. Tradução de João Ângelo Oliva Neto (2006: 171).

Sou, Filênis, famosa entre os mortais,
descanso agora pelos longos anos.
Ó nauta, nessas plagas, brincalhão,
cuida: não quero riso nem piada!
Por Zeus! Pelos Infernos! Que dizer?
A ninguém excitei! Rameira? Nunca!
Polícrates, porém, o ateniense,
mentiroso, de língua afiadíssima,
foi quem tudo escreveu: Eu? Nada eu sei.

Os dois poemas são da espécie tumular (ἐπιτύμβια), são epitáfios que dão voz a Filênis, que toma a palavra para afastar de si a pecha de mulher lúbrica. Cabe observar que a ‘fama’ granjeada por ela confirma, poeticamente, a imagem de Filênis e, ao mesmo tempo, certo potencial risível que a matéria sexual também comporta, indiciado quer pelo verso coliambo – incomum, diga-se de passagem, em epigramas tumulares – , quer pela admoestação cômica ao marinheiro que contempla a tumba de Filênis: ‘Ó nauta, nessas plagas, brincalhão,/ Cuida: não quero riso nem piada!’, μή μ', ὦ μάταιε ναῦτα, τὴν ἄκραν κάμπτων / χλεύην τε ποιεῖν καὶ γέλωτα καὶ λάσθην. Esse, porém, será o viés temático dominante em Marcial: no poeta latino, Filênis é figurada como mulher lasciva, lésbica, feia, velha, caolha, fedorenta e alcoviteira e, amiúde, o ataque se consubstancia em chave sexual, como ocorre no epigrama seguinte:

Marcial, II, 33
Cur non basio te, Philaeni? calua es.
Cur non basio te, Philaeni? rufa es.
Cur non basio te, Philaeni? lusca es.
Haec qui basiat, o Philaeni, fellat.

Por que, Filênis, não te beijo? És calva.
Por que, Filênis, não te beijo? És rubra.
Por que, Filênis, não te beijo? És lusca.
Quem te beija, ó Filênis, esse chupa⁸.

8. Tradução nossa.

O epigrama da *Antologia Grega* que citamos há pouco também aparece na notícia que Ateneu nos oferece acerca de Filênis. O epigrama importa, pois que, de um lado, é mencionado com o fito de apresentar outra versão dos fatos, como

que apologia da mulher supostamente ultrajada; e, de outro, com fazê-lo, Ateneu revela quem teria sido o verdadeiro autor do escrito lascivo e nos oferece o nome do poeta de Samos, Éscrion, que saíra em defesa de Filênis em versos iâmbicos⁹:

9. Ateneu (8, 335b-e = 13 Kaibel). Ed. G. Kaibel (1887-1890), 3 vols., Leipzig.

Χρύσιππον δ', ἄνδρες φίλοι, τὸν τῆς στοᾶς ἡγεμόνα κατὰ πολλὰ θανμάζων ἔτι μᾶλλον ἐπαινῶ τὸν πολυθρύλητον ἐπὶ τῇ ὀψολογίᾳ Ἀρχέστρατον αἰεὶ ποτε μετὰ Φιλαινίδος κατατάττοντα, εἰς ἣν ἀναφέρεται τὸ περὶ ἀφροδισίων ἀκόλαστον σύγγραμμα, ὅπερ φησὶ ποιῆσαι Αἰσχρίων ὁ Σάμιος ἱαμβοποιὸς Πολυκράτη τὸν σοφιστὴν ἐπὶ διαβολῇ τῆς ἀνθρώπου σωφρονεστάτης γενομένης. ἔχει δὲ οὕτως τὰ ἱαμβεῖα [...]

ἀλλ' οὖν ὃ γε θανμασιώτατος Χρύσιππος ἐν τῷ πέμπτῳ περὶ τοῦ καλοῦ καὶ τῆς ἡδονῆς φησι· 'καὶ βιβλία τὰ τε Φιλαινίδος καὶ τὴν τοῦ Ἀρχεστράτου Γαστρονομίαν καὶ δυνάμεις ἐρωτικὰς καὶ συνουσιαστικάς, ὁμοίως δὲ καὶ τὰς θεραπαίνας ἐμπείρους τοιῶνδε κινήσεών τε καὶ σχημάτων καὶ περὶ τὴν τούτων μελέτην γινομένηας.' καὶ πάλιν· 'ἐκμανθάνειν τ' αὐτοὺς τὰ τοιαῦτα καὶ κτᾶσθαι τὰ περὶ τούτων γεγραμμένα Φιλαινίδι καὶ Ἀρχεστράτῳ καὶ τοῖς τὰ ὅμοια γράψασιν.'

Sob muitos aspectos, admiro, meus caros amigos, Crisipo, o líder dos estoícos. Recomendo, porém, Arquétrato, célebre pelo tratado *Dos Prazeres da Cozinha*, referido amiúde com Filênis, a que se atribui aquele tratado licencioso, *Dos Prazeres Amorosos*, ainda que o iambógrafo Éscrion de Samos julgue que, na verdade, fora Polícrates, o sofista, quem o compusera, a fim de difamar aquela mulher que nascera mais virtuosa que um homem. Eis aqui os versos iâmbicos do poeta: [...]

No entanto, o admirável Crisipo diz, com efeito, no quinto livro acerca do belo e do prazer, o seguinte: 'os livros de Filênis e a *Gastronomia* de Arquétrato, bem como as artes eróticas e sexuais, compatíveis com a habilidade de uma escrava, como a dança e as posições sexuais, foram compostos para a prática dessas mesmas artes'. E adiante: 'aprendem-se diligentemente esses assuntos e se estudam, com grande devoção, escritos semelhantes àqueles a que se dedicaram Filênis, Arquétrato e outros'.

Note-se, contudo, alguns aspectos importantes no passo de Ateneu – que, aliás, cita os mesmos iambos do epigrama 7, 345, da *Antologia Grega*, e os atribui a Éscion de Samos: o primeiro, não obstante o efeito de imparcialidade do rétor, é não só atribuir o *Περὶ Ἀφροδισίων* à Filênis, calcado na autoridade de Crisipo, e, portanto, ajudar a vincular ainda mais o nome da mulher às atividades sexuais e à ambiência erótica – que, por seu turno, também legitima poeticamente esse viés temático – mas sobretudo é reconhecer a arte erótica como espécie de *ἐμπειρία*, como, aliás, não poderia deixar ser; o segundo, é associá-la ainda a funções comuns a escravas e gente de baixa extração: delimitar o conhecimento dessas artes é delimitar-lhe também o alcance, e o decoro próprio de quem pode, ou não, desempenhá-las com proficiência, como a dança, por exemplo, atividade de escravas e profissionais, bem como a gastronomia, que, se se associa a ocupações vis, também faz entrever o caráter afrodisiaco da alimentação. Não é preciso apontar, contudo, a relação estreita entre o banquete (*conuiuium*) – ou simpósio (*symposium*) – e a atmosfera erótica, relação evidenciada pela espécie lírica justamente chamada ‘simpótica’ ou ‘convivial’ e pela figura de Ganimedes, levado por Zeus para servi-lo (à mesa e, sobretudo, à alcova)¹⁰. Ademais, se a arte dos dançarinos, por imitar ritmicamente, representa ‘caracteres, afetos e ações’ (*καὶ ἥθη καὶ πάθη καὶ πράξεις*), segundo Aristóteles,¹¹ pode imitar, pois, caracteres lascivos e ações que, em função do movimento, mimetiza, como se sabe, o moto próprio do intercurso sexual, instigando a libido,¹² o que constituiria o liame entre a arte da dança e a erótica. Será, por acaso, justamente dessa relação – dança e ambiência erótica – que a fala fileníade busca se eximir, logo que explicita sua fama: excitar outrem e ter sido meretriz? Poeticamente, ou melhor, discursivamente, é decoroso que assim o seja: que Filênis, como autora de manual, forje ἥθος decoroso a uma tratadista, ou seja, para compô-lo é necessário que conheça do meretrício, que seja cortesã e alcoviteira, que seja profunda conhecedora da arte, mais ou menos como até aqui os testemunhos deixam entrever. Acrescente-se, aqui, o que de Filênis nos informa o escoliasta de Clemente de Alexandria: ‘Filênis: jovem meretriz que descrevera a *performance* das cortesãs com outros homens (*Φιλαινίδος*] γυνή τις ἑταίρα ἐγένετο συγγράψασα ἑταιρικά σχήματα μίξεων)¹³.

10. *Il.*, XX, 232-235:
 [...] e, par aos deuses,
 Ganimedes, que, sendo o
 mais belo dentre homens
 mortais, raptaram-no os
 deuses para servir o vinho
 a Zeus e entre imortais
 [ainda] está’, [...] καὶ
 ἀντίθεος Γανυμήδης, /
 ὃς δὴ κάλλιστος γένετο
 θνητῶν ἀνθρώπων /
 τὸν καὶ ἀνηρεΐψαντο
 θεοὶ Διὶ οἰνοχοεύειν /
 κάλλεος εἵνεκα οἷο
 ἔν’ ἀθανάτοισι μετεῖη.
 Tradução nossa.

11. *Poet.*, 1447a 27.

12. Ver *Priap.*, 19: “Se
 Teletusa, a dançarina, aqui/
 vier sem roupa alguma
 usar nas ancas/ e sacudir-se
 toda até em cima,/ vai te
 excitar com seus quadris
 que ondulam./ E não vai
 abalar-te a ti, Priapo,/ só,
 mas também de Fedra
 o enteado.” *Hic quando
 Teletusa circulatorix,/ quae
 clunem tunica tegente nulla/
 extans altius altiusque
 motat,/ crissabit tibi
 fluctuante lumbo:/ haec sic
 non modo te, Priape, possit/
 priuignum quoque sed
 mouere Phaedrae.* Tradução
 de João Angelo Oliva Neto
 (2006: 217).

13. *Scholia in Clementis
 Alexandrini Protrepticum*,
 314, 29.

Filênis atribui a um homem a posteridade de sua má fama: 'Polícrates, porém, o ateniense,/ Mentiroso, de língua afiadíssima,/ Foi quem tudo escreveu: de nada eu sei.', Πολυκράτης δὲ τὴν γενὴν Ἀθηναῖος, / λόγων τι παιπάλημα καὶ κακὴ γλῶσσα, / ἔγραψεν, οἷ' ἔγραψ'. ἐγὼ γὰρ οὐκ οἶδα. O homem no epigrama não é o tirano de Samos, terra natal de Filênis, mencionado por Heródoto (III, 43, 4), Tucídides (III, 104, 2), Pausânias (VIII, 14, 8) e Diodoro Sículo (X, 16, 1). É possível, porém, que seja alusão ao Polícrates sofista de que trata Diógenes Laércio na *Vida dos Filósofos* (II, 38, 10), que também aparece na *Suda*:

'Polícrates: ateniense, rétor, habilidoso, [...] compôs discursos contra os de Sócrates',

Πολυκράτης, Ἀθηναῖος, ῥήτωρ, δεινός τε καὶ τοὺς κατὰ Σωκράτους λόγους [...] γράψα¹⁴.

14. *Suda*, s. u. Πολυκράτης.

Essa possibilidade torna-se mais possível em função do uso léxico no poema: λόγων [...] παιπάλημα, que verti por 'mentiroso', mas que literalmente significa: 'manhoso nos discursos', 'habilidoso com as palavras', expressão que pertence ao mesmo campo semântico de δεινός, 'habilidoso', 'terrível', 'temível', que reforça o caráter sofístico e, ao mesmo tempo, a habilidade que possui de, com as palavras, persuadir sua audiência, o que, no limite, são qualidades muito desejáveis num sofista. Assim, se se tratar mesmo desse Polícrates, Filênis teria sido difamada pelo discurso habilmente engendrado de um mestre. No entanto, o escoliasta de Luciano nos informa que Filênis teria sido difamada por outro homem 'Filênis é aquela que Filócrates, o comediógrafo ateniense, figurou como lasciva e amante de mulheres', ταύτην τὴν Φιλαινίδα φησίν, ἣν Φιλοκράτης ὁ Ἀθηναῖος κωμωδιοποιὸς ἐξεπόμεπενυσεν ὡς ἑταιρίστριαν καὶ τριβάδα¹⁵. Luciano também descreve Filênis como amante de mulheres¹⁶ e a associa à tratadística erótica. Todavia, não parece endossar que se trata de uma vítima de injúria alheia¹⁷:

ἀσελγῶν δὲ ὀργάνων ὑποζυγωσάμεναι τέχνασμα, ἀσπόρων τεράστιον αἰνιγμα, κοιμάσθωσαν γυνὴ μετὰ γυναικὸς ὡς ἀνὴρ· τὸ δὲ εἰς ἀκοὴν σπανίως ἦκον ὄνομα – αἰσχύνομαι καὶ λέγειν – τῆς τριβακῆς

15. *Schol. (vet. et rec. Arethae) in Lucianum*, 49, 28, 1.

16. Já há em Marcial epigramas que vinculam Filênis ao lesbianismo (ver VII, 67; 70).

17. *Am.* 28.

ἀσελγείας ἀνέδην πομπενέτω. πᾶσα δ' ἡμῶν ἡ
γυναικωνίτις ἔστω Φιλαινίδος ἀνδρογύνου ἔρωτας
ἀσχημονοῦσα. καὶ πόσῳ κρεῖττον εἰς ἄρρενα τρυφὴν
βιάζεσθαι γυναῖκα ἢ τὸ γενναῖον ἀνδρῶν εἰς γυναῖκα
θηλύνεσθαι.

Uma coletânea de diversos tratados de caráter lascivo foi responsável por inventar uma Arte, mistério monstruoso e infecundo em que a mulher, semelhante a um homem, jaz na cama em meio a outras: essa palavra que raramente chega a nossos ouvidos – envergonha-me pronunciá-la! – acompanha livremente, sem pudor algum, a infâmia dessas que se amam entre si. Em toda reunião de mulheres, lá está Filênis, desgraçando a si mesma com a vergonha de seus amores andróginos. Quão mais forte é uma mulher determinada a dominar com furor masculino do que submeter-se, a temperar com delicadeza feminina sua força de homem!

Vejamos, agora, o segundo epitáfio de Filênis, atribuído a Dioscórides:

Dioscórides (AP, VII, 450)

Τῆς Σαμίης τὸ μνήμα Φιλαινίδος· ἀλλὰ προσειπεῖν
τληθί με καὶ στήλης πλησίον, ὦνερ, ἴθι.
οὐκ εἴμ' ἢ τὰ γυναιξὶν ἀναγράψασα προσάντη
ἔργα καὶ Αἰσχύνην οὐ νομίσασα θεόν,
ἀλλὰ φιλαιδήμων, ναὶ ἐμὸν τάφον. εἰ δέ τις ἡμέας
αἰσχύνων λαμυρὴν ἔπλασεν ἱστορίην,
τοῦ μὲν ἀναπτύξαι χρόνος οὐνομα, τὰ μὰ δὲ λυγρὴν
ὁστέα τερφθείη κληδόν' ἀπωσαμένης.

Eis a tumba da sâmia Filênis: não temas!

Vem! Fales, homem! Põe-te ao pé do túmulo!

Não compus aquela obra às mulheres imprópria
nem, como um Deus, o opróbrio cultuei.

Por meu sepulcro: casta fui! Se acaso alguém

compôs – maldoso! – lúbrico tratado,

que o seu nome revele-o o tempo e da pesada

fama, em júbilo, os ossos meus se eximam!

Como no poema precedente, o sujeito da fala epigramática é Filênis, que se defende, buscando eximir-se da má repu-

tação que lhe pesa, e conclui rogando para que o tempo limpe seu nome da ‘pesarosa fama’. A mulher convida o visitante a aproximar-se, sem medo, do túmulo. Finalmente, nos dois dísticos subsequentes justifica a boa conduta em vida e nos revela a existência dos textos eróticos sob seu nome: o conteúdo lascivo deles é evidente, e o caráter tratadístico, propedêutico, digamos, dos escritos é reforçado, no terceiro verso, pelo particípio aoristo *ἀναγράψασα* do verbo *ἀναγράφω*, ‘registrar’, ‘descrever’, ‘publicar’; e, no quinto, pela locução *ἔπλασεν ἱστορίην*, o primeiro termo é o aoristo de *πλάσσω*, ‘moldar’, ‘plasmar’, ‘compor’; o segundo, acusativo, remete a *ἱστορία*, ‘história’, mas principalmente afere a descrição sistemática e racional de um objeto: é o termo que também remete àquilo que constitui um tratado: descrever, com método, uma arte, que no caso de Filênis é a *erōtodidaxis* (*ἐρωτοδιδάξις*) que a celebrizou. A autoridade de Filênis, como tratadista, pode ultrapassar o território da alcova, autorizando outra prática que não seja erótica, mas poética. Talvez possamos perceber tal viés, a apropriação da figura de Filênis no seguinte epigrama de Leônidas de Tarento (III a. C.):

AP, VII, 198

*Εἰ καὶ μικρὸς ἰδεῖν καὶ ἐπ' οὕδεος, ὦ παροδίτα,
 λᾶας ὁ τυμβίτης ἄμμιν ἐπικρέμαται,
 αἰνοίης, ὦνθρωπε, Φιλαινίδα· τὴν γὰρ ἀοιδὸν
 ἀκρίδα, τὴν εὖσαν τὸ πρὶν ἀκανθοβάτιν,
 διπλοῦς ἐς λυκάβαντας ἐφίλατο, τὴν καλαμίτιν,
 καὶ θρέψ' ὑμνιδίῳ χρησαμένην πατάγῳ·
 καὶ μ' οὐδὲ φθιμένην ἀπανήνατο, τοῦτο δ' ἐφ' ἡμῖν
 τῷλίγον ὥρθωσεν σᾶμα πολυστροφίης.*

Se julgas, viajante, pequena e rasteira
 a laje que se estende sobre a tumba,
 dê graças à Filênis, homem! Pois um grilo
 cantor, que outrora errava sobre espinhos –
 um gafanhoto! – amou por dois anos inteiros
 e, por doce algazarra, ela estimou:
 não rejeitou meu corpo inane, mas ergueu
 de meu cantar ligeiro o breve túmulo.

A voz narrativa é do grilo, por dois anos amado e estimado por Filênis. Com efeito, o tempo lhe fez jus: ela pode não ter sido

18. Ver Calímaco, *Aos Telquínes* (frag. 1 PF.), vv. 29-30: 'Aceito e canto em meio aos que amam som agudo/ de cigarras, não zurros de jumento.', [τῷ πιτόμῃ]ν· ἐνὶ τοῖς γὰρ ἀείδομην οἱ λιγύν ῥχον / [τέπτιγος, θ]όρυβον δ' οὐχ ἐφίλησαν ὄνων.
Tradução de João Ângelo
Oliva Neto.

redimida da lascívia, mas aqui é valorizada pelo gosto, pois que a estima que nutria pelo inseto residia na doçura melódica de seu canto. A figuração de Filênis, pois, – seja pela beleza juvenil que, supõe-se, ela tenha, seja, sobretudo, pelo gosto apurado – é análoga à *docta puella* do universo elegíaco em Roma, posteriormente. Além disso, percebe-se que o epigrama teatraliza uma série de virtudes não imediatamente eróticas, mas poéticas, que se coadunam com o programa alexandrino: o acorde calimaquiano é percebido pela 'doce algazarra' do grilo, *poli-estrófico*, que rememora o canto agudo das cigarras de *Aos Telquínes*, de Calímaco,¹⁸ metáfora para o apuro e sofisticação da poética da brevidade e do diminuto, bem como da variedade temática e rítmica da ποιητική alexandrina, aspectos fundamentais do programa poético helenístico, intensificado pelo desfecho do epigrama: a memória, a posteridade do grilo, ou melhor, de seu canto breve, hábil e variado, é perpetuada pela pequenez da tumba.

O artigo tratou, brevemente, de diversos epigramas da *Antologia Grega* ou *Palatina* que referiam ou mesmo tinham como sujeito da fala epigramática a personagem Filênis. Dos dezessete poemas que registram seu nome, arrolamos sete, o que pode ser tomado como pequena antologia, já que é amostra das possibilidades de figuração de Filênis: há, nos epigramas, pequeno vislumbre de suposta biografia – aludida nos poemas, explicitada pelos testemunhos antigos. Filênis percorre, como vimos, longo caminho, de jovem cortesã e nubente à alcoviteira e tratadista. Seja como for, percebemos que seu nome é inexoravelmente ligado à matéria erótico-amorosa, quase, aliás, como espécie de sinédoque desse viés temático, intensificado pela autoridade de tratadista, de *entendida do assunto*, que se lhe atribui amiúde. Além disso, tentei apontar, principalmente com o epigrama de Leônidas de Tarento, que a *auctoritas* de Filênis pode ser transposta para o domínio propriamente poético, que ultrapassaria o território amoroso – e que poderia, também, legitimar o *tópos* como dado inerente à epigramática, que há de ser explorado não somente por outros poetas helenísticos, mas também por romanos, na elegia, na lírica, no epigrama. Talvez tenha sido evidente, pela leitura dos epigramas e os testemunhos a respeito da autora de manual, que o nome Filênis, ainda que perfaça oportuna paronomásia com o verbo φιλέω ('amar'), não é mero nome, mera notação como parece ser diversos nomes de mulheres, por exemplo, em Marcial (veja-se *Vetustilla*, *Fescenia*, etc.), mas, pelo contrário, constitui parte de um legado, parte importante de uma longa tradição ero-

todidática ‘teórica’, digamos, que, oportunamente, legitimou entre os antigos a existência de *outra*, ‘poética’, como a *Ars Amatoria* de Ovídio, já aqui referida. No limite, foi-nos possível perceber que o jogo alusivo, típico da poesia helenística, não se restringia somente à ação de remeter à tradição poética ‘clássica’, sob a chancela de Homero, Baquilides, Simônides, Hipônax, Arquíloco, mas podia também incorporar assunto mais amplo, contemporâneo mesmo, como os tratados eróticos de Filênis.

BIBLIOGRAFIA

THE GREEK ANTHOLOGY. (1960). With an English translation by W. R. Paton, 5 volumes, London, William Heinemann/Cambridge, MA, Harvard University Press.

ARISTÓTELES. (1973). *Poética*. Tradução, comentário e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. (1944). *Art rhétorique et Art poétique*, traduction nouvelle avec texte, introductions et notes par Jean Voilquén et Jean Capelle, Paris: Garnier Frères.

ATENEU. (2012). *The Learned Banqueters*, vol. VIII. Edited and Translated by S. Douglas Olson. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2012.

CÍCERO. (1994). *De l'invention*. Texte établi et traduit par G. Achard. Paris: Les Belles Lettres.

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. (1919). *The Exhortation of the Greeks, The rich man's salvation, The fragment of an address entitled to the newly baptized*. With an English translation by G. W. Butterworth. London: William Heinemann/ New York: G. P. Putnam's sons.

DIODORO SÍCULO. (1967). *In twelve volumes*. With an English translation by G. H. Oldfather. London: William Heinemann Ltd./ Cambridge, MA: Harvard University Press.

DIÓGENES LAÉRCIO. (1925). *Lives of Eminent Philosophers*. With an English translation by R. D. Hicks. London: William Heinemann/ New York: G. P. Putnam's sons.

HERÓDOTO. (1921). With an English translation by A. D. Godley. In four volumes. London: William Heinemann/ New York: G. P. Putnam's Sons.

HÉRONIDAS. (1960). *Mimes*. Texte établi par J. A. Nair net traduit par L. Laloy. 2ème éd. Paris: Les Belles Lettres.

HOMERO. (2009). *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Ediouro.

LUCIANO. (1961). *Dialogues of the dead, Dialogues of the sea-gods, Dialogues of the gods, Dialogues of the courtesans*. With an English translation by M. D. Macleod. London: Heinemann Ltd/ Cambridge, MA: Harvard University Press.

MARCIAL. (1993). *Epigrams*, edited and translated by D. R. Shackleton Bailey, The Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, vol. I – II – III.

OLIVA NETO, João Angelo. (2006). *Falo no Jardim: Priapéia Grega, Priapéia Latina*. Tradução do Grego e do Latim, Ensaios Introdutórios, Notas e Iconografia de João Angelo Oliva Neto. Cotia-SP: Ateliê Editorial/ Campinas, SP: Editora da Unicamp.

PAUSÂNIAS. (1992). *Description de la Grèce*. Texte établi par Michel Casevitz; traduit par Jean Pouilloux; commenté par François Chamoux. Paris: Les Belles Lettres.

RABE, Hugo. (1906). *Scholia in Lucianum*. Leipzig: Teubner.

SUETÔNIO. (1989). *The lives of the Caesars*. Vol. 1 – 2. With an English translation by J. C. Rolfe. London: W. Heinemann; Cambridge, MA: Harvard University Press.

SUIDAE LEXICON. (1989). *LEXICOGRAPHI GRAECI*. Vol. 1. Pars III, K-O, W. Edidit Ada Adler. Editio stereotypa editionis primae (MCMXXXIII), Stuttgart, Teubner, 1967. Pars IV, P-Y. Edidit Ada Adler. Editio Stereotypa editionis primae (MCMXXXV). Stuttgart, Teubner.

TUCÍDIDES. (1920). *History of the Peloponessian War*. Books III and IV. With an English translation by Charles Forster Smith. London: William Heinemann/ New York: G. P. Putnam's sons.

Recebido em: janeiro de 2012

Aprovado em: abril de 2013